

AMOR MATERNO / FUNÇÃO MATERNA – ALGO NATURAL OU A SER CONQUISTADO?¹

| MARIA JOSÉ DE ANDRADE SOUZA²

RESUMO

A autora tece considerações sobre um conjunto de fatores que influenciam tanto o amor materno como a função materna que atravessam a interação mãe-bebê bem como o seu entorno desde a elaboração da conflitiva edipiana na mãe, que se refletirá nas trocas eróticas difusas com seu bebê, abrangendo os cuidados e atenções amorosas recebidas por ela de seu companheiro e pessoas próximas, sua eventual ausência, a interação com o bebê como outro fator facilitador ou complicador do amor/função materna.

Palavras-chave – Função materna, conflitiva edipiana, mãe suficientemente boa, preocupação materna primária, significante enigmático, mãe-aranha.

ABSTRACT

The author discusses on a set of factors that influence both the maternal love as a maternal function that cross the mother-baby interaction as well as the environment since the elaboration of the oedipal conflict on the mother. It will reflect on the diffuse erotic exchanges with her baby, covering the care and love she receives from her partner and close people, her possible absence; the interaction with the baby may facilitate or complicate maternal love/function.

Keywords – Maternal function, oedipal conflict, good enough mother, primary maternal preoccupation, enigmatic signifier, spider mother.

1 Tema apresentado na atividade.

2 Médica, psicanalista didata. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP, da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR.

“Não existe tal coisa como um bebê sem u’a mãe” afirmava D. Winnicott (1947). Podemos parodiar: “U’a mãe sem um bebê, isso não existe”. Pois que há uma dialética constante envolvendo o par mãe-bebê, de tal modo que para existir o amor materno é preciso existir também um bebê interagindo com ela. E é diante desse bebê que o amor materno se revela (ou não).

O que podemos entender como Amor materno? Sem pretender maior precisão, respondo: trata-se de uma atitude amorosa por parte da mãe em relação a seu filho, incluindo cuidados com sua saúde e bem-estar corporal, psicológico e ambiental. Acrescentaríamos: um estado de atenção constante no sentido de protegê-lo de perigos e doenças, a disposição de amamentá-lo, alimentá-lo. Paralelamente a essa atitude, ocorre o prazer de estar com ele e a tendência, principalmente nos primeiros meses, de contato corporal, de tê-lo nos braços, apertá-lo contra si, afagá-lo, beijá-lo, dizer-lhe palavras carinhosas. Como nos lembra E. Badinter (1980), “Não há amor sem algum desejo e a ausência da faculdade de tocar, mimar ou beijar é pouco propícia ao desenvolvimento do sentimento”. Sabemos que o toque humano regular favorece a ativação e maturação da senso-percepção por meio das terminações nervosas da pele.

Mas: seria o Amor materno um atributo de todas as mães? Algo como um instinto materno? Vejamos: antes de ser mãe, a mulher é um ser humano e, como tal, carrega em si um equipamento não apenas biológico como também psicológico. Como qualquer ser humano, além de seu potencial hereditário da espécie, a mãe carrega as marcas das vicissitudes de seu complexo de Édipo, a história de suas primeiras relações objetais parentais e, por sua vez, o sucesso ou fracasso parcial ou total dessas relações, principalmente com sua própria mãe, bem como as influências da interação com seu entorno familiar e ambiental.

Trazendo um pouco de teoria, D. Winnicott (1947), estudando psicóticos, fala-nos do ódio que o analista experimenta na interação com esse tipo de pacientes – ódio esse que, não sendo percebido e trabalhado pelo analista, não traz aprofundamento no processo analítico. Esse ódio, em parte, é provocado pelo paciente que precisa ser odiado. De acordo com Winnicott, o paciente acredita que só sendo odiado poderá acreditar que também pode ser amado. Por meio de seu ódio, o paciente

ativa estados da mente primitivos e até então latentes no analista (daí por que, para analisar psicóticos, é importante que o analista tenha feito uma análise pessoal o mais profunda possível).

Winnicott (1947) faz um paralelo entre esse ódio e aquele experimentado pela mãe diante de seu bebê. Cita como prováveis motivos do ódio materno:

- o bebê não é sua própria concepção (mental);
- o bebê não é produzido magicamente;
- o bebê representa um perigo para seu corpo durante a gravidez e durante o parto;
- o bebê interfere na sua vida privada;
- em maior ou menor medida, uma mãe sente que sua própria mãe exige um bebê, de forma que seu bebê é produzido para aplacar sua mãe;
- o bebê machuca seu mamilo mesmo ao mamar, que é inicialmente uma atividade mastigatória;
- ele é grosseiro, trata-a como uma pessoa qualquer, uma empregada não remunerada, uma escrava. Ela tem que amá-lo com excreções e tudo, no início, até que ele tenha dúvidas sobre si mesmo;
- ele tenta machucá-la, morde-a periodicamente, tudo por amor.;
- seu amor excitado é interesseiro e ele a joga fora como uma casca de laranja quando consegue o que quer;
- a vida da mãe deve se desenrolar de acordo com o seu ritmo (adeus atividades sociais) Depois de uma manhã horrível com ele, ela sai com ele, que sorri para um estranho que diz: “Não é um doce?”; e
- ele a excita, mas a frustra – ela não pode comê-lo ou ter sexo com ele.

Uma mãe tem que ser capaz de tolerar o ódio por seu filho sem fazer nada prático a respeito. Se ela não puder odiá-lo, só lhe resta voltar-se para o masoquismo. Mas uma forma de exprimir seu ódio pode ser através de certas canções de ninar:

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega essa menina que tem medo de careta.

ALGUNS RECORTES HISTÓRICOS SOBRE A NOÇÃO DE AMOR MATERNO

Margareth Hilferding (1991), na Conferência sobre *As bases do amor materno*,

proferida em 11 de janeiro de 1911 na Sociedade Psicanalítica de Viena, anuncia: “Seria de esperar que o amor materno surgisse imediatamente após o nascimento ou antes. Ora, esse não é o caso. Ao contrário, a ausência de amor materno frequentemente se exprime pela recusa em amamentar ou pela intenção de não ficar com a criança”. Ela acrescenta: “Se, entretanto, consegue-se com algum truque colocar a criança no seio da mãe, é frequente que ela não queira mais se separar da criança.” Ela também afirma: “o bebê representa para a mãe um objeto sexual natural”.

Aqui introduzimos a questão que poderia ser óbvia, que a mãe é também um ser sexuado e, como tal, experimenta sensações sexuais difusas ao contato com seu bebê. A amamentação tranquila produz sensações eróticas na mãe por meio da sucção do mamilo. Penso que isso já não seja tão contestado. Em 1911, Hilferding, integrante do famoso grupo das quartas-feiras coordenado por Freud, faz essa afirmação, levando material de pesquisa que referendava a seguinte postulação: a grávida experimenta sensações sexuais provocadas pelo feto no seu ventre. Para Hilferding, nas depressões pós-parto, que até então eram encaradas apenas como perdas narcísicas, a puérpera sentiria depressão pela perda da excitação da gravidez – o gozo sem mediação e a perda da ilusão de completude. O parto, nesses casos, seria odiado por causar essa perda.

J. Laplanche (1988), por meio de sua *Teoria da Sedução Generalizada*, criou a noção de “significante enigmático”: as carícias, toques e cuidados corporais (banho, higiene), e mesmo a amamentação, produziriam no bebê algo captado por ele como enigmático: ele perceberia que seu contato com a mãe provocaria nela determinado tipo de prazer, talvez da ordem da volúpia a qual ele não conseguiria atribuir um significado claro, deixando-lhe impressões “traumáticas” como se operasse um excesso de estímulos não processado, podendo acarretar consequências problemáticas no desenvolvimento psíquico da criança, como se esta contivesse uma área emocional delicada invadida e sempre com receio de novas invasões (o significante enigmático originado do prazer materno não seria consciente nela). Essa questão já teria sido estudada com outra roupagem por S. Ferenczi (1932) no seu trabalho *Confusão de linguagens entre adulto e criança*. Os dois trabalhos retomam a *Teoria da Sedução Infantil* que Freud descartara:

“não acreditando mais em sua neurótica” (Carta a Fliess, 21 de setembro de 1897). Ferenczi descobriu em sua clínica a confirmação do assédio a crianças, oriunda do relato de adultos que realizaram seduções a menores. A “confusão de linguagens” se referia à linguagem da paixão (no adulto) e à linguagem da ternura (na criança). Trago esses aportes para assinalar que a interação adulto/criança ou mãe/criança é mais complexa e nuançada de erotismo do que talvez comumente se pense. Como diria Hamlet (Shakespeare), “[...] há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha a nossa filosofia”.

Ainda focalizando a parte materna e o Amor materno, poderíamos indagar: será que esse conglomerado de atitudes, sentimentos e sensações ocorre de forma plena em todas as mães? Vimos antes que cada mãe tem um percurso condicionado à sua história de relações objetais iniciais, atravessando a conflitiva edipiana. Como vivemos imersos na cultura e sofrendo sua influência, até que ponto o Amor materno seria favorecido ou prejudicado pelo ambiente e as influências culturais recebidas?

Vejamos o que nos diz E. Badinter (1980), filósofa e historiadora francesa em seu livro *Um amor conquistado – o mito do amor materno*. (1980). Ela nos conta no prefácio de seu livro: “[...] 1780: o tenente de polícia Lenoir constata, não sem amargura, que das 21 mil crianças que nascem atualmente em Paris, apenas mil são amamentadas pela mãe. Outras mil, privilegiadas, são amamentadas por amas-de-leite residentes. Todas as outras deixam o seio materno para serem criadas no domicílio mais ou menos distante de uma ama mercenária”. As crianças eram enviadas para o campo sob a custódia dessas amas com o pretexto de que ali seriam criadas de forma mais saudável, respirando o ar puro longe da cidade. Retornariam dessa empreitada aos cinco anos de idade para deparar-se com u’a mãe desconhecida. Muitas dessas crianças morriam antes, mas acontecia de a mãe enviar um segundo ou terceiro filho para essa mesma ama, que poderia perder mais de um filho da mesma mãe”. Essa autora ressalta que, já no século XIII, foram abertas agências de amas em Paris, a princípio tendo como clientela somente a aristocracia, estendendo-se depois essa prática a todas as camadas sociais até o século XVIII e início do século XIX. Poderíamos considerar essas mães efetivamente amorosas? Sim e não, se considerarmos o contexto cultural

da época. Para Badinter (1980), “[...] a maternidade é, ainda hoje, um tema sagrado. Continua difícil questionar o amor materno e a mãe permanece, em nosso inconsciente coletivo, identificada como a Maria, símbolo do indefectível amor oblatoivo”.

Tentarei examinar agora mais especificamente a noção de *Função materna*, buscando seu percurso, sua formação na mãe já a partir da gravidez até o seu final, e continuando no cuidado com o bebê e a criança até a adolescência e primeira juventude. Winnicott (1956) formulou o conceito de *preocupação materna primária*, condição que, segundo ele, se desenvolve gradativamente, tornando-se um estado de sensibilidade aumentada durante e especialmente no final da gravidez, continuando por algumas semanas após o parto. Não é facilmente recordada, tendendo a ser reprimida. Há ainda uma espécie de retraimento esquizoide que poderia ser considerado doença se não ocorresse durante a gravidez. Winnicott considera ainda não ser possível compreender o funcionamento da mãe na fase mais inicial de um bebê sem entender que ela deve ser capaz de atingir esse estado de sensibilidade, quase uma doença, e recuperar-se dele. Entretanto ele pondera que nem todas as boas mães conseguem atingir esse estado ou o conseguem com um filho, mas não com outro. Esse estado implicaria a redução total ou quase total por outros interesses diferentes do cuidado com o bebê. Estudos recentes (Colucci et al., 2002) demonstram que os bebês nascidos de mães que experimentaram a *preocupação materna primária* costumam ter um desenvolvimento biopsicológico mais rápido. Esses mesmos estudos apontam também um dado interessante: as mães que são acompanhadas mais de perto pelo marido ou companheiro são as mães que mais facilmente desenvolvem esse estado de *preocupação materna primária*. O que podemos inferir desse dado? Uma hipótese bem provável é que a mãe assistida adequadamente, sente-se amada, tranquila e protegida pelo companheiro, isso favorecendo sua maior entrega ao bebê, uma identificação que propiciará o desenvolvimento do bebê por meio do espelhar-se mútuo. Além disso, ela não precisará desviar seu interesse e comunhão com ele para outras demandas de seu entorno, como preocupações com atividades caseiras, financeiras, etc. Ela pode sonhar os sonhos de seu bebê.

Diante da complexidade de nosso mundo moderno, vemos que a gestante de nossos

dias já não conta com a presença constante da respectiva mãe, presença da qual gozavam as mulheres de algumas décadas atrás. Aquelas mulheres encontravam na mãe ou sogra, algum familiar ou mesmo parteira, uma pessoa para repartir suas ansiedades, seu despreparo, suas incertezas.

Encontramos nas comunidades rurais africanas um remanescente feliz apoio à parturiente: ali é costume que as mulheres da família e as vizinhas da aldeia fiquem em torno da parturiente, cuidando de sua casa, de sua alimentação e tratando-a com carinho.

Gilberto Safra (2011), a partir do pensamento de Hanna Arendt, considera que a realidade do mundo é garantida pela presença dos outros e que a realidade compartilhada é construção de muitos, é campo em que existe a criação de todos.

Outro conceito muito conhecido de Winnicott é o de *mãe suficientemente boa*: trata-se da mãe que cuida do filho adaptando-se a ele sem excessos de rigor, ou de mimos. Safra nos assevera: “a mãe suficientemente boa” também não existe sem os outros. Ela não existe sem um campo sociocultural que lhe dê possibilidades de exercer suas funções. A boa maternagem e suas falhas têm origem na mãe, no pai, nos ancestrais, na situação social em que a mãe se encontra, nas características da sua cultura e de sua época. Trata-se de um fenômeno de grande complexidade, pois cada gesto materno presentifica a memória do que é o cuidado materno naquele grupo cultural”. João Cabral de Melo Neto (1968) nos adverte lindamente sobre a importância do outro em seu poema:

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito que um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos
 que com muitos outros galos se cruzem
 e os fios de sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

Lembro aqui a afirmação de Annie Anzieu (1992), psicanalista francesa: “Ser mãe não significa apenas ter a criança, mas fazê-la longamente de sua própria carne”.

COMENTÁRIOS FINAIS

Podemos ainda considerar um tipo de função materna mais extensa, que é a realizada às vezes pelo pai ou familiares próximos, como avós, tias, mães adotivas etc. Algumas vezes, pode-se encontrar, em algum grau, substitutos maternos ou paternos em babás, amigos da família ou alguém dotado para exercer essa função junto à criança.

Cabe agora uma questão: já nascemos com o amor materno ou com a função materna pronta e acabada? Conforme dito antes, todo ser humano é influenciado por sua própria história emocional e suas peculiaridades inconscientes; sua história familiar e transgeracional. A mulher, em particular, é muito influenciada pela relação que desenvolveu com a própria mãe.

Não nascemos mãe, pai, tornamo-nos pais... É um aprendizado constante. Existem os traumas de cada um, mas também a forma pela qual cada um consegue lidar com eles. Não podemos esquecer a participação de cada bebê, de cada criança na transformação de seus genitores em pais. Existem bebês mais bem-dotados que facilitam a função materno-paterna, outros nascem prematuros, ou com alguma problemática congênita, como patologias do espectro autista, irritabilidade sem causa definida, etc., que requererá mais amadurecimento e um manejo mais cuidadoso por parte da mãe. O bebê também pode contribuir para o emergir do maternal ou paternal nos adultos que o cercam, o alimentam, provocando uma troca afetiva.

Em seu trabalho *Influências dos distúrbios maternos precoces*, Golse (1990), citando Nicole Jeamet, indaga: “É preciso ser perturbado para ter filhos perturbados?”, alargando essa indagação para “É preciso ser normal para ter filhos normais?”, comentando que mães normais podem sim ter filhos perturbados e

mães perturbadas podem ter filhos normais, pois há uma multiplicidade de fatores genéticos, congênitos, ambientais, transgeracionais que influenciam mãe e filho.

Finalmente, serão realizados alguns comentários sobre as deformações da função materna, isto é, suas falhas. Nesse sentido, podemos encontrar desde a ausência ou negligência de cuidados com o bebê/criança até os maus tratos e a invasão muitas vezes chamada de superproteção. É ainda Winnicott que nos ensina sobre os cuidados com “a continuidade de ser”. Nessa perspectiva, há um potencial herdado que inclui o núcleo do self e que precisa ser protegido das agressões do ambiente produzidas por carências ou invasões. A mãe que superprotege, atrapalha a continuidade do ser pelo seu excesso de cuidados; a superproteção funcionando como traumatogênica. Em relação às falhas, quando ocorrem, fragilizam as identificações primárias da criança, alterando seus processos alucinatorios e ativando as defesas antitraumáticas (Anzieu-Premmereur, 2010). A descontinuidade e a ausência de segurança deixam fortes marcas no psiquismo, como defesas paranoides e autísticas, falhas na representação, etc.

Para finalizar, recorro à imagem de uma escultura de Louise Bourgeois (2007) do museu Guggenheim, de Bilbao, Espanha. Podemos invocá-la como uma alusão ilustrativa ou sonho impactante da artista sobre a mãe-aranha que aprisiona o filho nas suas patas ou tentáculos. A escultura pode aludir ainda à ambiguidade que envolve a função materna, com seus movimentos de proteção e aprisionamento, amor e domínio, posse e desprendimento, separação e fusão, quem sabe outras compreensões. Essa obra, segundo sua autora, seria uma homenagem à sua mãe – sua melhor amiga. Ela era tecelã e superprotetora com os filhos, confessa Louise.

A mãe-aranha pode continuar tecendo a teia durante boa parte da vida da mulher, até esta tornar-se avó. Isso se reflete na necessidade constante de aprovação pela mãe, medo de contrariá-la, até de “matá-la do coração”. Tive uma paciente mãe de filhos adultos que costumava comentar, chorando, que tinha muito medo da morte da mãe; que poderia morrer em seguida. Quem sabe a mãe dessa paciente inoculou-lhe a noção pela qual ela não conseguiria viver sem o seu oxigênio de mãe, sendo criada com a impressão de uma fragilidade tal que não suportaria a falta de cuidados maternos. Já uma outra não conseguia sequer afastar-se da

mesma cidade onde vivia com a mãe (embora casada e com filhos crescidos), pois no seu sentir, ficaria distante da proteção materna que, entretanto, dependia muito dos cuidados da filha. Já acompanhei muitos casos de filhas adultas aprisionadas à mãe, mulheres-meninas submissas a uma mãe dominadora, sempre a cobrar amor irrestrito da filha, às vezes até atrapalhando o casamento. A dificuldade de exercer a função materna costuma estar associada à derradeira proteção de um eu ainda carente de suporte de um maternal que foi inacessível. É um tema muito presente na clínica sem uma literatura mais específica. Cito o livro *De mãe em filha*, de Marina Ribeiro (2011), como ótima fonte de estudo a respeito.



Maman, 1999, Louise Bourgeois
fonte: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/works/maman/>

REFERÊNCIAS

- Anzieu, A. (1992). *A mulher sem qualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anzieu-Promereur, C. (2010). *Fondements maternels de la vie psychique et genèse de la capacité maternelle*, Bulletin de la SPP, n. 98.
- Badinter, E. (1980). *Um amor conquistado* – o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Colucci, A. M. et al. (2002). *Investigação das condições para a instalação da preocupação materna primária*. Incidência na população e estudo longitudinal dos bebês observados. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Latino-americano de Psicoanálise, setembro de 2002. Montevideo – Uruguai.
- Hilferding, M. (1991). *As bases do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Escuta.
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Editora Artes médicas.
- Ribeiro, M (2011). *De mãe em filha* – A transmissão da feminilidade. São Paulo: Editora Escuta.
- Safra, G. (2004). *Memória e processo psicanalítico*. Revista IDE, n. 40, São Paulo – SP
- Safra, G. (2011). *Disponibilidades para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e caritas*. Revista IDE, vol. 56 – São Paulo – SP.
- Winnicott, D.W. (1947). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. 3. ed. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1988.